



Ciência e Ambiente

A grande ilusão dos concursos “regulares” da FCT

Opinião



Miguel Prudêncio

Devo muito da minha carreira científica à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Foi esta estrutura, criada em 1997 em substituição da extinta Junta Nacional para a Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), que me atribuiu a bolsa que me permitiu concluir o meu doutoramento no Reino Unido, que criou programas de contratação de doutorados a que concorri com sucesso, e que financiou o primeiro projeto de investigação que logrei ver aprovado enquanto investigador independente. No entanto, depois de décadas a assistir à forma de atuação da FCT, não posso deixar de expressar a minha indignação perante uma forma de atuação que corresponde ao exato oposto daquilo que se esperaria desta instituição.

Para além da escassez de financiamento, poucas coisas há que afetem mais o trabalho científico do que a imprevisibilidade. Os National Institutes of Health (NIH) dos EUA, ou o European Research Council (ERC) da União Europeia, ambas agências públicas de financiamento científico, servem de exemplo para como as coisas devem ser feitas.

Todos os anos os concursos para financiamento de projetos científicos dos NIH e do ERC abrem, o período de candidaturas termina, e os resultados são anunciados nas mesmas datas. O orçamento pode variar de ano para ano, como é normal que aconteça, mas os investigadores sabem de antemão quando deverão ter os seus projetos escritos e prontos a submeter, e quando podem esperar saber os resultados dessas candidaturas. Isto permite-lhes calendarizar as suas atividades e planear adequadamente as suas tarefas de investigação e de escrita de projetos. Permite-lhes ainda optar por não submeter um projeto num determinado ano, na certeza de que o poderão fazer no ano seguinte, o que não é um pormenor.

Vejamos então o que se passa com os financiamentos da FCT. Segundo a sua página na Internet, nos últimos 17 anos abriram nove “Concursos para Financiamento de Projetos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico em

Todos os Domínios Científicos”, em 2006, 2008, 2009, 2010, 2012, 2013, 2017, 2020, 2021 e 2022.

As datas de abertura destes concursos variaram de ano para ano, e as da comunicação dos resultados nunca foram anunciadas com antecedência. O mais recente concurso, de 2022, abriu em fevereiro e encerrou em março desse ano, acompanhado de uma nota do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior onde se lia: “A Fundação para a Ciência e a Tecnologia abriu esta terça-feira, dia 8 de fevereiro, o Concurso de Projetos de I&D em Todos os Domínios Científicos, cumprindo, desta forma, a regularidade e a previsibilidade para os grandes concursos.” Na página da FCT podia, entretanto, ler-se: “O concurso de projetos de IC&DT em todas as áreas científicas tem uma periodicidade anual e integra o conjunto dos grandes concursos estruturantes da FCT.” Tudo parecia estar encaminhado para, finalmente, existir nestes concursos “a regularidade e a previsibilidade” por que toda a comunidade científica ansiava.

Fazendo fê nestes anúncios, os investigadores preparam-se para submeter os seus projetos no primeiro trimestre de 2023. Mas, em dezembro de 2022, a FCT anuncia que o concurso previsto para março de 2023, afinal, abriria apenas em junho desse ano. Só que, a 19 de junho, a FCT anunciava que as “candidaturas ao Concurso de Projetos I&D em todos os domínios científicos vão decorrer em novembro” porque a FCT estaria “a estabelecer sinergias com o PT2030 no sentido de poder alocar um montante de pelo menos 100 milhões de euros ao financiamento deste programa de apoio a projetos, o que representa um aumento de 33% face aos concursos anteriores (75 milhões de euros)”. Ou seja,

adiava-se de novo o concurso, desta vez para tentar aumentar o seu orçamento, como se não fosse possível manter a data e orçamento inicialmente previstos, financiando todos os projetos até esse montante, e identificando os que ficavam em lista de espera para serem financiados se e quando estivessem disponíveis os 25 milhões de euros adicionais. Lá se ia a previsibilidade anunciada, mas pelo menos mantinha-se uma regularidade anual na submissão de projetos.

Eis senão quando, a 30 de outubro de 2023, a FCT anuncia que, afinal, o concurso apenas irá abrir em dezembro deste ano, encerrando em fevereiro de 2024! Desdizendo tudo o que foi dito e escrito, a FCT faz o que poucos acreditariam que seria capaz de fazer: na prática, “salta” um ano de candidaturas a financiamento de projetos, já que o último concurso encerrou em 2022 e o próximo apenas encerrará em 2024. É o retomar das más práticas que se julgavam de outros tempos, mas que, afinal, continuam a ser as atuais. Se não abrir outro concurso para submissão de projetos em 2024, além deste que acaba de ser adiado, então o prometido aumento na verba disponível para a investigação será, na realidade, um efetivo decréscimo. A assim ser, será a machadada final na credibilidade de uma instituição que parecia finalmente querer adotar práticas adequadas à função que desempenha, mas que não consegue sequer manter a ilusão dessa intenção.

A confiança é porventura o elemento mais importante da relação entre as instituições e as comunidades que estas visam apoiar e servir. Infelizmente, a gestão da FCT compromete irremediavelmente a confiança dos investigadores portugueses na instituição que mais devia pugnar pelo desígnio afirmado pelo primeiro-ministro de que “o compromisso de longo prazo é vital para fruímos, enquanto comunidade, dos muitos benefícios do investimento em ciência”. “Compromisso”, “longo prazo” e “investimento” são, sem dúvida, palavras que exprimem ótimas intenções. Só é pena que, aparentemente, não passem disso mesmo.

Investigador do Instituto de Medicina Molecular e professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa



Infelizmente, a gestão da FCT compromete de forma irremediável a confiança dos investigadores portugueses nesta instituição